



MULHERES, COOPERATIVISMO E GÊNERO.

Karlyane Mayra Brito Wanzeler ¹

Resumo:

Este ensaio busca apresentar uma reflexão sobre a trajetória e participação feminina na Cooperativa Agroindustrial e Extrativista das Mulheres do Município de Cametá (COOPMUC), trata-se de uma análise com base em dados coletados de uma pesquisa no período de 2017-2018. A pesquisa é qualitativa a partir da vivência, observação e entrevistas semiestruturadas. Objetiva-se ressaltar as relações de gênero presentes na vida dessas mulheres, a partir da observação do trabalho realizados por elas dentro desse empreendimento. Através dessa experiência foi possível conhecer o trabalho delas, como a elaboração de remédios caseiros. A produção desses remédios representa o verdadeiro anel de conjunção entre a dimensão cotidiana e os diferentes planos sociais, ecológicos e culturais em que intervêm na obra dessas mulheres.

Palavras-chave: Gênero, cooperativa, remédios caseiros

1. Introdução:

No início das civilizações o cuidado com a saúde era desenvolvido por mulheres, sendo isento de prestígio e poder social. Assim, passou-se a perceber uma estreita relação entre as mulheres e as plantas, pois, seu uso era o principal recurso terapêutico utilizado para tratar a saúde das pessoas e de suas famílias. No entanto, segundo (FARIA; NOBRE, 2003), o conjunto de cuidados que dão suporte no sustento da vida humana sempre foram banalizados e considerados insignificantes frente às necessidades

¹ Graduada em História pela Universidade Federal do Pará
Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade
Federal do Pará na Linha de Pesquisa Educação e Cultura.
karlyanemayra@gmail.com

produtivas, visto que a obtenção de lucros, fruto da produção capitalista se sobrepõe aos processos de cuidado da vida humana.

As necessidades humanas mais básicas existentes não são somente dependentes daquelas que foram estabelecidas pelo capitalismo, e sua incessante formação de mão de obra e consumo, mas, sobretudo por aquilo que deveria ser primordial quais sejam as redes de afeto e relações de solidariedade.

A utilização dos recursos naturais resguarda a identidade cultural de várias comunidades. Ao analisar esse sistema de elaboração e comercialização de remédios caseiros das mulheres da COOPMUC, resgata-se a trajetória dessas mulheres e seus conhecimentos acerca da construção de um sistema de práticas e saberes sobre os remédios de origem natural, através desse empreendimento e ao mesmo tempo, reflete-se sobre o peso que o trabalho com os remédios caseiros teve no contexto, ao fim de um empoderamento político e social da mulher dentro da comunidade, redefinindo as relações de gênero e atribuindo-lhe um papel central na gestão das questões de saúde.

2. Desenvolvimento

2.1 Cooperativa e economia solidária

Segundo Laville (2004), a economia solidária caracteriza-se como um conjunto de atividades que se distinguem da lógica do capitalismo, que implica em relações competitivas baseando-se em interesses individualistas. A cooperativa em questão, encarada como forma de organização que não está sob a égide do capital, se torna motivadora para que tais estruturas de relações sociais possam ser vistas sob outro aspecto, que não a “supremacia do homem” dentro da sociedade, haja vista que o capitalismo tem contribuído para aprofundar as distinções de gênero dentro da sociedade. Contrariando essa lógica, a economia solidária prioriza sua organização estabelecida por fatores humanos, que adota formas comunitárias de propriedade. Isso ocorre de modo a ressignificar a economia, pois a partir dessas mulheres e sabendo que todo o cuidado doméstico e reprodutivo a elas é condicionado, tais mulheres carregam para dentro dessa economia, a esfera privada para dentro do público, lhes permitindo assim, a importância devida.

A COOPMUC insere-se nesse contexto de organização como forma de geração de emprego, renda e inclusão social a partir de uma trajetória dessas mulheres, culminando nesse empreendimento econômico solidário, anos mais tarde, a partir de muitas lutas e conquistas que se deram a partir da negação do Estado omissivo frente às políticas públicas e necessidades básicas, fazendo nascer um novo sujeito coletivo feminino em prol de direitos para obtenção de melhorias na qualidade de vida.

2.2 COOPMUC e Trajetória

A eminência de organizações como a cooperativa surge a partir de conjunturas nacionais e que acabam por levantar inúmeras questões, como as reivindicações por melhorias na qualidade de vida que aparecem no cotidiano, pela prestação de serviços públicos, defesa da democracia, luta pela terra, pelo meio ambiente, pela criação de espaços organizados de representação feminina entre outros, que serão pautas de diversos movimentos sociais no período de 1980 e que análogas a essas, permanecem até hoje.

Segundo Gohn (1997), esses movimentos estão inseridos em uma conjuntura de regimes opressores, o que contribui para certas similitudes nos países latinos, uma vez que os mesmos vivenciaram esse sistema político e que mantém reflexos desse contexto histórico em várias esferas de suas respectivas sociedades.

Tais organizações sociais, por vezes surgiam da formação de grupos que iniciavam as lutas por garantias de direitos em consonância com algumas organizações católicas, e partiam de pessoas que geralmente, pertenciam a um mesmo grupo social. O autoritarismo declarado desse período retratado é em luta contra a “subversão” que é vista em todo tipo de movimento social e por conta disso, esses grupos viviam na clandestinidade, no entanto, encontravam refúgio e proteção dentro das Comunidades Eclesiais de Base da igreja católica, que lhes permitia e lutava junto, por melhores condições sociais dos menos favorecidos.

No que concerne ao gênero, participação e formação de movimentos constituídos por mulheres formou-se neste cenário de intervenção militar, e a partir daí esse “novo personagem social” buscou lutar por seus direitos e conquistar outros, ganhando assim um espaço de protagonista nessa sociedade.

A cooperativa em questão nasceu a partir de movimentos sociais como esses, uma vez que, acolhidas dentro dessas comunidades, contou com uma participação cada vez mais ativa, com o contato, troca de experiências e principalmente o compartilhamento de ideias sobre os desafios que essas mulheres enfrentam todos os dias em suas casas, sobretudo no âmbito familiar. A percepção do cotidiano desigual criou oportunidades de levantamento de debates estabelecidos por esses agrupamentos femininos em torno do papel da mulher na sociedade.

A partir do contato com as comunidades, questões relacionadas à saúde da mulher, onde a falta de atendimento de saúde pública básica não as alcançavam, portanto, era preciso contar com a formação de parteiras. Essas parteiras já capacitadas por ações da igreja católica realizavam reuniões com as mulheres atendidas. Tais reuniões aconteciam a partir da organização do clube de mães, que eram espaços abertos de diálogos em que elas sentiam-se a vontade para falar de mulher para mulher, sobre o que sentiam, sobre o cuidado com os filhos, sobre o uso de plantas medicinais para o tratamento de certas doenças (que resultou em uma cartilha do uso de plantas medicinais e fabricação de remédios caseiros) e também abordar questões relacionadas ao conhecimento do próprio corpo feminino. Essa utilização de remédios concebidos através das plantas medicinais apresenta uma enorme importância ainda nos dias de atuais, pois, se faz presente quando observamos a COOPMUC hoje, visto que esse conhecimento é herança desse período vivido pelo movimento de mulheres da época. Conhecimento esse que as mulheres da cooperativa se apropriaram, perpetuando tais práticas, quando comercializadas pelo empreendimento.

2.3 COOPMUC e Gênero

No que tange às relações de gênero, conforme defendido por Saffioti (2013), parte-se do princípio que se reconhece a desigualdade historicamente construída entre homens e mulheres dentro da sociedade, sistema esse incorporado pelo capitalismo, que tece estruturas de relações sociais estabelecendo gêneros com papéis diferenciados, atribuindo uma hierarquia de poderes e valores aos quais homens e mulheres estão submetidos.

A COOPMUC como ação que deriva, assim como vários espaços criados através de um processo de lutas, conta com a participação de 35 mulheres. Unidas elas dominam a produção e comercialização de seus produtos, mais do que isso, elas aprendem juntas o significado de uma batalha por espaço no mercado de trabalho e que viram, através disso, a construção de uma organização como a cooperativa, tornar-se não só algo possível, mas que reverbera em todos os âmbitos de suas vidas, visto que tal associação possibilitou maior interação social, haja vista elas contarem, a partir da cooperativa, com espaços abertos de fala, quando tais mulheres relatam em suas narrativas a timidez em falar em espaços públicos. A partir disso, é possível perceber que a COOPMUC trouxe benefícios que vão além da esfera econômica.

Em meio às conversas com algumas dessas mulheres que fazem parte da cooperativa, ressaltava-se na fala delas a predominância masculina no seio da família, onde anterior a cooperativa era a figura do homem como único provedor de sustento do lar. A partir da COOPMUC, esse cenário tem mudado bastante. Hoje essas mulheres sentem mais autonomia não somente na esfera econômica, que para muitas, não é a maior conquista, mas sim a autonomia que elas obtiveram através deste espaço que ressoa na forma de agir e de interagir com seus familiares, com pessoas de diversos segmentos sociais e isso acaba por repercutir também em como as pessoas à sua volta passaram a enxergá-las.

As narrativas mostram a importância desses tipos de organizações, como espaços de troca de saberes, para além da esfera econômica, demonstram o fortalecimento das mulheres enquanto sujeitas, e também de uma construção de identidade. Elas falam, de forma expressiva, da satisfação pessoal, da motivação e sentimento de ser útil, o que contribui significativamente para melhorias na vida dessas mulheres em vários aspectos. Outro fato relevante, recorrente nas falas dessas mulheres é a ressignificação da vida: “Muitas mulheres, lá de onde eu venho *tavam* com esse negócio de depressão né... não é mais aquela mulher fraca né... hoje elas têm uma ocupação aqui na feira né”. (Feira da Economia Solidária, 2018, Cametá/PA).

2.4 COOPMUC e a Confecção de remédios caseiros

Paulo Freire já destacara a importância de se respeitar os saberes populares. Entende-se que tais saberes também são fruto das relações sociais, familiares e

profissionais, que segundo ele, irão formar seus pré-conceitos, tendo por base e ponto de partida, todo esse processo de aprendizagem e transformação do indivíduo.

O uso das plantas medicinais, analisando o contexto local, faz parte da cultura popular das várias comunidades amazônicas, onde tais recursos naturais são utilizados na elaboração de remédios caseiros, que retrata um estilo de vida, diversos saberes e práticas próprios a uma tradição cultural, codificando ao mesmo tempo papéis e funções sociais dos indivíduos dentro de um determinado grupo (Maluf, 1993). E ainda, que permite a transmissão de conhecimentos entre as mais diversas gerações. O uso dos conhecimentos tradicionais materializa certas articulações essenciais entre memória, identidade e participação coletiva.

Nas memórias dos seus atuais habitantes, o uso das plantas são associados a chás, xaropes ou infusões oferecidos em situação de doença pelas mães e as avós. Pois a veiculação e o consumo de tais remédios restringiam-se sempre, a um âmbito familiar ou de vizinhança. Muitas das plantas cresciam selvagens nos quintais das casas, enquanto outras eram apanhadas no mato e seus arredores, todas originárias do bioma local amazônico.

Observa-se que muitos dos conhecimentos relativos às plantas medicinais e aos remédios de origem natural não eram, porém, possuídos de forma geral por toda a população. Ao incorporar saberes e práticas dentro da comunidade local, bem como a utilização desse conhecimento como fonte de renda, foi atribuído a essas mulheres um poder de tipo mágico-místico ligado à natureza, às benzedeiros e curandeiras. Práticas curativas e saberes medicinais era, então, expressão de um patrimônio cultural no qual “saúde” e “natureza” coincidem dentro de um único universo cosmológico de senso feminino.

A partir do contato com as pastorais, questões relacionadas à saúde da mulher, onde as parteiras já capacitadas por ações da igreja católica que realizavam reuniões com as mulheres atendidas. Essas reuniões aconteciam a partir da organização do clube de mães, que eram espaços abertos de diálogos em que elas sentiam-se a vontade para falar de mulher para mulher, sobre o que sentiam, sobre o cuidado com os filhos, sobre o uso de plantas medicinais para o tratamento de certas doenças (que resultou em uma cartilha do uso de plantas medicinais e fabricação de remédios caseiros), remédios esses para trato urinário, gastrointestinais a partir de chás, tinturas e infusões.

Abordam ainda, questões relacionadas ao conhecimento do próprio corpo feminino. Essa utilização de remédios concebidos através das plantas medicinais apresenta uma enorme importância ainda nos dias de atuais, pois, se faz presente quando observamos a COOPMUC hoje, visto que esse conhecimento é herança desse período vivido pelo movimento de mulheres da época. Conhecimento esse que as mulheres da cooperativa se apropriaram, perpetuando tais práticas, quando comercializadas pelo empreendimento.

Tudo isso, foi primordial para uma maior valorização desses saberes e práticas, estimulando ainda mais a produção desses remédios caseiros para o interesse coletivo. Começa neste momento, um trabalho de educação e formação sobre os fitomedicamentos, iniciando a criação de uma rede de saúde comunitária, baseada na redescoberta dos conhecimentos locais e no compartilhamento das experiências e memórias pessoais.

As mulheres começaram a discutir sobre as propriedades terapêuticas das diferentes plantas e a aprender novas técnicas de utilização, tratamento e manipulação a partir das rodas de conversas em que estabeleciam depois do expediente do trabalho, e que passou a ser costumeira. Elas levantam e discutem publicamente os problemas de natureza sanitária presentes nos seus cotidianos, procurando soluções e remédios adequados para cada situação.

Através desta e de outras manifestações de marco comunitário, afirmava-se e revivificava-se no tempo um vínculo importante de valor simbólico entre as mulheres e os medicamentos de origem natural.

3. Considerações finais

A COOPMUC figura como um ambiente de trabalho que se mostrou como um espaço de análise que reflete as rupturas e as continuidades nas desigualdades de gênero. Analisar o trabalho delas na cooperativa promove a reflexão que suas funções implicaram e que continuam a implicar no seu ambiente doméstico e familiar e que interferem nas suas atividades públicas perante a sociedade, apesar de que os produtos ali comercializados são produzidos a partir de atividades domésticas tidas como femininas.

Apesar da manutenção da tradicional divisão do trabalho doméstico entre essas mulheres, a Cooperativa de Mulheres significa mais do que uma fonte de renda para elas, antes de tudo, é fonte de emancipação social. Essa emancipação está presente nos mais variados âmbitos de suas vidas: se faz presente nas suas relações familiares, na superação da vergonha de falar em público, que foi algo trabalhado na cooperativa dentro das constantes formações empreendidas neste espaço, sua valorização e valorização de seus saberes e práticas tradicionais como o conhecimento de plantas medicinais para uso em remédios naturais.

Referências:

SAFFIOTI, H. I. B (Ed.). **A mulher na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FARIA, N.; NOBRE, M. **A produção do viver: ensaios de economia feminista**. São Paulo: SOF, 2003.104 p. (Coleção Cadernos Sempre viva. Série Gênero, Políticas Públicas e Cidadania, 7).

FREIRE P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002 [acesso em 2020]. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>.

GOHN, M. G. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

LAVILLE, J. L. **Economia solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: EDUFRGS/EDUFBA, 2004.

MALUF, S. 1993. *Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na lagoa da conceição*. Ed. Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro.